

A HERANÇA

JOHN GRISHAM

A HERANÇA

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

Para Renée

CAPÍTULO 1

Encontraram Seth Hubbard perto da zona onde prometera estar, embora não exatamente nas condições esperadas. Estava na extremidade de uma corda, a quase dois metros do chão e a balançar suavemente com o vento. Aproximava-se uma tempestade e Seth estava encharcado quando o encontraram, não é que isso fosse muito importante. Alguém salientaria que não havia lama nos seus sapatos, nem rastros por baixo do corpo, por isso o mais provável era que já estivesse ali pendurado e morto quando a chuva começou a cair. Por que motivo era este facto importante? Em última análise, não era.

A logística que implica uma pessoa enforcar-se numa árvore não é assim tão simples. Evidentemente, Seth pensou em tudo. A corda era um entrançado de dois centímetros de abacá natural, já com alguma idade mas forte o suficiente para suster Seth, que da última vez que se pesara no consultório do médico, um mês antes, tinha cerca de setenta e dois quilos. Mais tarde, um empregado numa das fábricas de Seth disse ter visto o patrão a cortar quinze metros de corda de uma bobina, apenas uma semana antes de a usar para um fim tão trágico. Uma das extremidades estava firmemente atada a um ramo baixo da mesma árvore e segura com uma série de nós e voltas. Que se aguentaram bem. A outra extremidade foi passada em volta de um ramo mais alto, com sessenta centímetros de perímetro e exatamente a seis metros e meio do chão. Dali, caía cerca de três metros, culminando num nó de enforcado perfeito, no qual Seth teria sem dúvida trabalhado durante algum tempo. O nó corredio foi feito de acordo com as instruções, com treze laçadas perfeitas, concebidas para apertarem o arco quando se aplicasse pressão. Um verdadeiro nó de enforcado parte o pescoço de imediato, tornando a morte mais rápida e indolor; claramente, Seth fizera bem o seu trabalho. Além das

manifestações óbvias, não havia outros sinais de que o corpo se tivesse debatido ou de grande sofrimento.

Uma escada de um metro e oitenta tinha sido pontapeada para o chão e jazia pacificamente ali perto. Seth escolheu a árvore, atirou a corda, atou-a, subiu a escada, ajustou o nó e, quando tudo estava em condições, pontapeou a escada e caiu. As mãos estavam livres e a balançar perto dos bolsos.

Teria experimentado algum instante de dúvida, de debate interior? Quando os pés deixaram a segurança da escada, mas com as mãos livres, teria Seth agarrado instintivamente a corda por cima da cabeça e lutado com desespero até sucumbir? Nunca ninguém saberia, mas parecia pouco provável. As provas posteriores revelariam que Seth tinha uma missão em mente.

Escolhera o seu melhor fato para a ocasião, de lã grossa, cinzento-escuro, que normalmente reservava para os funerais no tempo frio. Só tinha três fatos. Um enforcamento como deve ser estica o corpo, por isso as bainhas das calças de Seth estavam pelos tornozelos e o casaco pela cintura. Os sapatos pretos estavam engraxados e imaculados. A gravata azul apresentava um nó perfeito. Porém, a camisa branca estava manchada de sangue que tinha escorrido da corda. Poucas horas depois, saber-se-ia que Seth Hubbard foi à missa das onze da manhã numa igreja ali perto. Falou com conhecidos, galhofou com o diácono, fez uma oferenda e parecia razoavelmente bem-disposto. A maior parte das pessoas sabia que Seth estava a lutar contra um cancro dos pulmões, embora quase ninguém soubesse que os médicos lhe tinham dado muito pouco tempo de vida. Seth estava incluído nas orações de muitos fiéis naquela igreja. Porém, carregava consigo o estigma de dois divórcios e seria um cristão para sempre manchado.

O suicídio não ajudou muito.

A árvore era um sicómoro antigo, pertença de Seth e da família há muitos anos. A terra que o rodeava era rica em madeiras duras, madeiras valiosas que Seth hipotecara repetidamente e que usara para fazer fortuna. O pai adquirira aquela terra de forma dúbia em 1930. Ambas as ex-mulheres de Seth tentaram com bravura ficar-lhe com a terra durante as guerras do divórcio, mas ele aguentou firme. Elas levaram-lhe praticamente tudo o resto.

O primeiro a chegar ao local foi Calvin Boggs, um trabalhador da quinta e faz-tudo que Seth contratara há muitos anos. Naquele domingo de manhã, Calvin recebeu uma chamada do patrão: «Encontra-te comigo na ponte às duas da tarde», dizia Seth. Não explicou mais nada e Calvin não era homem para fazer perguntas. Se o senhor Hubbard lhe pedia que se encontrasse com ele algures a uma certa hora, lá estaria. No último instante, o filho de Calvin, que tinha dez anos, implorou-lhe que o deixasse ir também e, contra os seus instintos, Calvin acedeu. Seguiram por uma estrada de gravilha que serpenteava durante quilómetros pela propriedade Hubbard. Enquanto conduzia, Calvin sentia-se bastante curioso quanto ao encontro. Não se lembrava de nenhuma outra ocasião em que se tivesse encontrado com o patrão a um domingo à tarde. Sabia que o patrão estava doente e corriam rumores de que estava a morrer, mas como em relação a tudo o resto, o senhor Hubbard remetia-se ao silêncio.

A ponte não era mais do que uma plataforma de madeira que atravessava um riacho estreito e sem nome, sufocado por trepadeiras e cravejado de cobras-d'água. O senhor Hubbard andava a planear substituir o riacho por um grande bueiro de betão, mas a saúde distraía-o desse propósito. Ficava perto de uma clareira com duas barracas em ruínas, apodrecidas no meio dos arbustos desordenados e oferecia a única indicação de que um dia ali existira uma pequena povoação.

O *Cadillac* de último modelo do senhor Hubbard estava estacionado perto da ponte, com a porta do condutor aberta, assim como a bagageira. Calvin parou atrás do carro do patrão e olhou para a bagageira e para a porta abertas e teve a primeira sensação de que alguma coisa parecia não estar bem. A chuva já caía moderadamente e levantara-se vento, por isso não havia um motivo válido para o senhor Hubbard deixar as portas abertas. Calvin disse ao filho para ficar dentro da carrinha e a seguir contornou o carro sem lhe tocar. Não havia sinais do patrão. Calvin inspirou profundamente, limpou a humidade do rosto e olhou para a paisagem que o rodeava. Para lá da clareira, talvez a uns cem metros de distância, viu um corpo a balançar numa árvore. Regressou à carrinha e voltou a dizer ao filho para ficar lá dentro e manter as portas fechadas, mas já era tarde demais. O rapaz estava a olhar fixamente o sicómoro ao longe.

— Fica aqui — disse Calvin com severidade. — E não saias da carrinha.

— Sim, senhor.

Calvin começou a andar. Demorou algum tempo, porque as botas escorregavam na lama enquanto tentava manter a cabeça calma. Para quê ter pressa? Quanto mais se aproximava, mais claras se tornavam as coisas. O homem no fato escuro pendurado na extremidade da corda estava bem morto. Calvin reconheceu-o por fim, viu a escada e reconstituiu rapidamente toda a ordem dos acontecimentos. Sem tocar em nada, recuou e regressou à carrinha.

Corria o mês de outubro de 1988 e os telefones de carro tinham finalmente chegado ao Mississippi rural. Por insistência do senhor Hubbard, Calvin tinha um telefone instalado na carrinha. Ligou para o xerife do condado de Ford, fez um relatório breve do ocorrido e ficou à espera. Aquecido com o ar da carrinha e mais calmo com a voz de Merle Haggard no rádio, Calvin olhou pelo vidro da frente, ignorou o filho, tamborilou com os dedos no volante ao compasso das escovas do limpa-para-brisas e deu conta de que estava a chorar. O filho estava com medo de falar.

Meia hora depois, chegaram dois delegados e, enquanto vestiam os impermeáveis, chegou uma ambulância com uma equipa de três. Todos se esforçaram por ver o velho sicómoro da estrada, mas depois de alguns segundos para focarem a imagem tornava-se evidente que havia um homem ali pendurado. Calvin contou-lhes tudo o que sabia. Os delegados decidiram que seria melhor proceder como se tivesse sido cometido um crime e proibiram a equipa da ambulância de se aproximar do local. Chegou um terceiro delegado e a seguir outro. Fizeram uma busca no carro e não encontraram nada relevante. Fotografaram e filmaram Seth ali pendurado com os olhos fechados e a cabeça grotescamente torcida para o lado direito. Observaram os rastros em volta do sicómoro e não encontraram provas de que mais alguém lá tivesse estado. Um dos delegados levou Calvin para a casa do senhor Hubbard, a alguns quilómetros de distância — o rapaz foi no banco de trás, ainda mudo. As portas estavam fechadas e em cima da mesa da cozinha encontraram um bilhete numa folha de um bloco de notas amarelo. Seth escrevera com uma caligrafia imaculada. «Para Calvin. Por favor informe as autoridades que acabei com a minha própria vida sem a ajuda de mais ninguém. Na folha de papel aqui anexada deixei instruções específicas quanto ao meu funeral e enterro. Não quero autópsia! S.H.» Tinha data daquele dia, domingo, 2 de outubro de 1988.

Calvin foi finalmente desobrigado pelos delegados. Apressou-se a levar o rapaz para casa, onde este se deixou cair nos braços da mãe e não disse uma única palavra durante o resto do dia.

Ozzie Walls era um dos dois xerifes negros do Mississippi. O outro acabara de ser eleito num condado do Delta que tinha uma população setenta por cento negra. O condado de Ford era setenta e quatro por cento branco, mas Ozzie ganhara a eleição e a reeleição com uma margem confortável. Os negros adoravam-no porque era um deles. Os brancos respeitavam-no porque era um polícia duro e antiga estrela do futebol de Clanton High. Em alguns aspetos da vida no Sul Profundo, o futebol começava a transcender lentamente a raça.

Ozzie estava a sair da igreja com a mulher e os quatro filhos quando recebeu a chamada. Chegou à ponte de fato, sem distintivo nem arma, mas tinha um par de botas velhas na mala do carro. Escoltado por dois dos seus delegados, caminhou até ao sicómoro pelo meio da mata e debaixo de um guarda-chuva. Naquela altura o corpo de Seth já estava encharcado e a água pingava da ponta dos sapatos, do queixo, das orelhas, das pontas dos dedos e das bainhas das calças. Ozzie parou não muito longe dos sapatos, levantou o guarda-chuva e olhou para o rosto pálido e comovente do homem com quem se cruzara apenas duas vezes.

Havia uma história. Em 1983, quando Ozzie concorreu para xerife pela primeira vez, não tinha dinheiro e enfrentava três adversários brancos. Recebeu uma chamada de Seth Hubbard, um desconhecido para ele e, como Ozzie viria a descobrir, um homem que preferia manter-se discreto. Seth vivia no canto nordeste do condado de Ford, quase em linha com o condado de Tyler. Disse que tinha negócios das madeiras e que era proprietário de algumas serrações no Alabama, uma fábrica aqui e acolá e aparentava ser um homem muito bem-sucedido. Ofereceu-se para financiar a campanha de Ozzie, mas só se ele aceitasse dinheiro vivo. Vinte e cinco mil dólares em dinheiro. No seu escritório, com a porta fechada, Seth Hubbard abriu uma caixa e mostrou o dinheiro a Ozzie. Ozzie explicou-lhe que os patrocinadores das campanhas tinham de ser registados e tudo

o mais. Seth explicou que não queria que aquela contribuição em particular fosse registada. Queria um acordo selado com notas, ou não havia acordo possível.

— O que quer em troca? — perguntou-lhe Ozzie.

— Quero que seja eleito. Mais nada — foi a resposta de Seth.

— Não estou muito certo quanto a isto.

— Acha que os seus adversários aceitam dinheiro por baixo da mesa?

— Provavelmente.

— Claro que aceitam. Não seja tonto.

Ozzie aceitou o dinheiro. Melhorou a campanha eleitoral, conseguiu entrar na corrida e esmagou o adversário na eleição geral. Mais tarde, foi por duas ocasiões ao escritório de Seth para o cumprimentar e para lhe agradecer, mas o senhor Hubbard nunca estava lá. O senhor Hubbard não devolvia telefonemas. Ozzie procurou obter discretamente informações sobre ele, mas pouco se sabia. Dizia-se que tinha feito fortuna com mobílias, mas ninguém tinha certeza. Era proprietário de oitenta hectares de terra perto da sua casa. Não usava os bancos locais, as empresas de advogados ou agências de seguros. De vez em quando ia à igreja.

Quatro anos depois, Ozzie enfrentou uma oposição ligeira, mas mesmo assim Seth quis encontrar-se com ele. Vinte e cinco mil dólares voltaram a mudar de mãos e Seth voltou a desaparecer. Agora estava ali pendurado, morto pelo seu próprio nó e a escorrer água da chuva.

Finn Plunkett, o médico-legista do condado, chegou por fim ao local. A morte podia agora ser declarada oficialmente.

— Vamos tirá-lo daí — disse Ozzie. Desataram-se os nós e com a corda lassa o corpo de Seth foi descendo. Depositaram-no numa maca e taparam-no com um lençol isotérmico. Quatro homens esforçaram-se debaixo de chuva enquanto se encaminhavam para a ambulância. Ozzie seguiu a pequena procissão, tão confuso como toda a gente.

O seu quinto ano naquele trabalho já ia avançado e Ozzie vira inúmeros cadáveres. Acidentes, despistes de automóvel, alguns assassinios, alguns suicídios. Não era insensível, mas já não encarava aquilo com fastio. Tinha feito telefonemas a meio da noite para pais e cônjuges e temia sempre o telefonema seguinte.

O velho e bom Seth. A quem devia Ozzie telefonar agora? Sabia que Seth era divorciado, mas desconhecia se voltara a casar. Não sabia nada acerca da sua família. Seth tinha cerca de setenta anos. Se tinha filhos adultos, onde viviam?

Bem, Ozzie ia descobrir em breve. De regresso a Clanton, com a ambulância atrás de si, Ozzie começou a telefonar para as pessoas que podiam saber alguma coisa sobre Seth Hubbard.

CAPÍTULO 2

Jake Brigance fitou os algarismos vermelho-vivo do despertador digital. Às 5h29 estendeu a mão, carregou num botão e balançou lentamente os pés para fora da cama. Carla virou-se de um lado para o outro e enterrou-se ainda mais nos cobertores. Jake deu-lhe uma pequena palmada no traseiro e deu-lhe os bons-dias. Não teve resposta. Era segunda-feira, dia de trabalho e ela ainda podia dormir durante mais uma hora até ter de sair da cama e se apressar a levar Hanna à escola. No verão, Carla dormia até mais tarde e os seus dias eram preenchidos com coisas de raparigas e com o que Hanna quisesse fazer. Porém, Jake tinha um horário que mal sofria alterações. Acordava às 5h30, ia à Coffee Shop às 6h00 e estava no escritório antes das sete da manhã. Poucas eram as pessoas que atacavam a manhã como Jake Brigance, embora, agora que chegara à madura idade de trinta e cinco anos, se começasse a questionar com frequência por que motivo, realmente, se levantava tão cedo. E por que motivo insistia em chegar ao escritório antes de todos os outros advogados de Clanton. As respostas, outrora tão evidentes, estavam a tornar-se mais obscuras. O sonho que acalentava desde os tempos de faculdade de se tornar num ótimo advogado especializado em julgamentos não tinha perdido força alguma; na verdade, era tão ambicioso como sempre fora. O que o aborrecia era a realidade. Dez anos na profissão e o seu escritório continuava inundado em testamentos, escrituras e disputas de contratos, sem um único caso criminal decente nem acidentes de viação promissores.

O seu momento de maior glória viera e partira. A absolvição de Carl Lee Hailey fora há já três anos e Jake temia por vezes ter

ultrapassado o seu ponto mais alto. Mas, como sempre, punha essas dúvidas de lado e recordava-se que só tinha trinta e cinco anos. Era um gladiador ainda com muitas vitórias em tribunal à sua frente.

Não tinha cão para levar à rua, porque perderam o cão da família. *Max* morreu no incêndio que destruiu a linda, amada e pesadamente hipotecada casa vitoriana da Adams Street, há três anos. O Klan incendiou-lhe a casa durante o acalorado julgamento de Hailey, em julho de 1985. Primeiro queimaram uma cruz no relvado da frente, depois tentaram explodir com a casa. Jake mandou Carla e Hanna para longe e foi a decisão mais correta. Depois de o Klan tentar matá-lo durante um mês seguido, incendiaram-lhe a casa. Apresentara as alegações finais com um fato emprestado.

A questão de um novo cão era demasiado desconfortável para ser debatida. Contornaram a questão algumas vezes e acabavam sempre por seguir em frente. Hanna queria um cão e provavelmente até precisava de um porque era filha única e dizia com frequência que se aborrecia a brincar sozinha. Mas Jake, e sobretudo Carla, sabiam a quem caberia a responsabilidade de treinar o cachorro e limpar a sujidade. Além de que viviam numa casa alugada e as suas vidas estavam longe de ser organizadas. Talvez um cão trouxesse alguma normalidade à casa; talvez não. Jake pensava normalmente nestes assuntos nos primeiros minutos do dia. A verdade é que sentia falta de ter um cão.

Depois de um duche rápido, vestiu-se num quarto pequeno que Carla e ele usavam como quarto de vestir e onde guardavam as roupas. Todas as divisões daquela casa, que pertencia a outra pessoa, eram pequenas. Tudo era temporário. A mobília era uma triste coleção de coisas dadas e sobras de feiras de rua; todas elas iriam para o lixo se as coisas corressem como Jake planeava, embora tivesse de admitir que quase nada estava a correr a seu favor. O processo contra a companhia de seguros estava parado nas manobras pré-julgamento que pareciam realmente inúteis. Tinha dado entrada ao processo seis meses depois do caso Hailey, quando estava no topo do mundo e a rebentar de confiança. Como se atrevia uma companhia de seguros a tentar passar-lhe a perna? Apresentassem-lhe um novo júri no condado de Ford e Jake conseguiria outro fantástico veredicto. Mas a jactância e a confiança desvaneceram-se quando Jake e Carla perceberam

que estavam seriamente desprotegidos pelo seguro. A quatro quarteirões de distância, o lote onde se erguera outrora a sua casa continuava vazio e marcado, a encher-se de folhas. A senhora Pickle, da porta ao lado, ia deitando um olho ao local, mas não havia muito para vigiar. Os vizinhos estavam à espera de que uma nova casa se erguesse das cinzas e que os Brigance regressassem.

Jake entrou em bicos dos pés no quarto de Hanna, deu-lhe um beijo no rosto e puxou-lhe os lençóis para cima. Tinha sete anos, era a única filha do casal, que não teria mais filhos. Andava no segundo ano na Escola Primária de Clanton, numa sala do outro lado da esquina onde a mãe ensinava os meninos da creche.

Na cozinha estreita, Jake carregou no botão da máquina do café e observou-a até começar a fazer barulho. Abriu a pasta, tocou na pistola semiautomática de 9 milímetros que guardava no interior e guardou alguns processos. Já se tinha habituado a andar com uma arma e era uma coisa que o entristecia. Como podia viver uma vida normal com uma arma permanentemente ao seu lado? Normal ou não, a arma era uma necessidade. Incendiaram-lhe a casa depois de tentarem fazê-la explodir; ameaçaram a mulher ao telefone; queimaram uma cruz no jardim; espancaram o marido da secretária até ele perder os sentidos e mais tarde morrer; usaram um atirador furtivo para disparar um tiro, mas este falhara e acertara num guarda; recorreram ao medo durante o julgamento e mantiveram as ameaças muito depois de este acabar.

Quatro dos terroristas estavam a cumprir várias penas de prisão — três em prisões federais, um na Parchman. Apenas quatro, recordava-se Jake constantemente. Já deviam ter sido condenados pelo menos uma dúzia deles, um sentimento partilhado por Ozzie e outros dirigentes negros do condado. Por hábito e porque sentia uma grande frustração, Jake telefonava ao FBI uma vez por semana para pedir uma atualização das investigações. Ao fim de três anos, os seus telefonemas ficavam muitas vezes sem resposta. Escrevia cartas. O processo enchia-lhe um armário inteiro no escritório.

Apenas quatro. Sabia o nome de muitos outros, que continuavam a ser suspeitos, pelo menos na cabeça de Jake. Alguns tinham mudado de terra, outros ficaram, mas andavam todos livres e à solta, a tratar das suas vidas como se nada se tivesse passado. Por isso, Jake andava armado; tinha todas as licenças e autorizações. Tinha uma arma

na pasta. Uma no carro. Um par delas no escritório e algumas mais. As espingardas de caça tinham ficado destruídas no incêndio, mas Jake estava a refazer lentamente a coleção.

Saiu de casa, para o pequeno alpendre de pedra, e encheu os pulmões com ar fresco. Na rua, mesmo em frente à sua casa, estava um carro-patrolha do xerife do condado de Ford e atrás do volante, Louis Tuck, o delegado a tempo inteiro que também fazia o turno no cemitério e cuja responsabilidade principal era ser visto no bairro durante a noite e, especificamente, estar estacionado perto da caixa do correio todas as manhãs às 5h45, de segunda a sábado, quando o senhor Brigance saía de casa e lhe acenava. Tuck retribuía o cumprimento. Os Brigance tinham sobrevivido mais uma noite.

Enquanto Ozzie Walls fosse xerife do condado de Ford, o que aconteceria por outros três anos, possivelmente mais ainda, ele e o seu gabinete fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para proteger Jake e a família. Jake tinha aceitado o caso de Carl Lee Hailey, trabalhara como um mouro por pouquíssimo dinheiro, evitara as balas, ignorara ameaças verdadeiras e quase perdera tudo antes de conseguir um veredicto de inocente que ainda ecoava pelo condado de Ford. Protegê-lo era a prioridade número um de Ozzie.

Tuck foi-se embora. Ia dar uma volta ao quarteirão e regressaria minutos depois de Jake sair. Ficava a guardar a casa até ver luzes na cozinha e perceber que Carla já se levantara.

Jake conduzia um dos dois *Saabs* que existiam no condado de Ford, vermelho, com mais de trezentos mil quilómetros. Precisava de um carro novo, mas não tinha dinheiro para o comprar. Um carro tão exótico numa cidade pequena tinha sido outrora uma ideia interessante, mas agora os custos das reparações eram brutais. A oficina mais próxima era em Memphis, a uma hora de distância, por isso cada viagem até à oficina demorava metade de um dia e levava-lhe mil dólares. Jake estava pronto para comprar um carro americano e pensava nisto todas as manhãs quando virava a chave na ignição e sustinha a respiração, à espera de que o motor ganhasse vida. Nunca tinha deixado de pegar, mas nas últimas semanas Jake reparara que se arrastava um pouco, uma volta ou duas a mais que emitiam um aviso ominoso de que alguma coisa estava prestes a acontecer. Paranoico, estava a reparar noutros barulhos e ruídos e verificava os pneus dia sim, dia não, à medida que os rastros ficavam mais finos. Saiu da Culbert Street, que, apesar de ficar apenas a quatro quarteirões da Adams

Street e do seu lote vazio, era considerada uma parte menos nobre da cidade. A casa ao lado também era alugada. Adams estava ladeada de casas muito mais antigas e imponentes, com muito mais personalidade. Culbert era uma mescla de casas quadradas suburbanas, para ali atiradas antes de a cidade ter alguma espécie de ordenamento urbano.

Embora ela não falasse muito nisso, Jake sabia que Carla estava pronta para se mudar dali para outro lado qualquer.

Já tinha falado em mudar para outro lugar, sair mesmo de Clanton. Aqueles três anos depois do julgamento de Hailey tinham sido bastante menos prósperos do que desejavam e esperavam. Se Jake estava destinado a trabalhar arduamente na sua carreira de advogado esforçado, então porque não esforçar-se num lugar inteiramente novo? Carla podia trabalhar numa escola qualquer. Certamente podiam encontrar uma boa vida que não incluísse armas e vigilância constante. Jake podia ser admirado pelos negros do condado de Ford, mas muitos brancos continuavam a guardar-lhe ressentimentos. E os loucos continuavam à solta. Por outro lado, havia alguma segurança por viverem no meio de tantos amigos. Os vizinhos andavam sempre atentos ao trânsito e se passasse um carro ou carrinha suspeitos, eles reparavam. Todos os polícias da cidade e todos os delegados do condado sabiam que a segurança da pequena família Brigance era de extrema importância.

Jake e Carla jamais saíam dali, embora por vezes fosse divertido brincar ao onde-gostavas-de-viver? Era apenas um jogo porque Jake sabia que a mais dura das verdades era que jamais se adaptaria a uma grande empresa numa grande cidade, nem ia encontrar uma pequena cidade em qualquer um dos restantes estados que não estivesse já a rebentar pelas costuras com advogados esfomeados. Encarava o futuro com clareza e vivia bem com isso. Só precisava de ganhar mais uns tostões.

Passou pelo lote vazio na Adams, murmurou palavras cruéis de condenação aos cobardes que lhe incendiaram a casa, ofereceu algumas também à companhia de seguros e a seguir foi-se embora a toda a velocidade. Da Adams virou para a Jefferson, depois para a Washington, que atravessava o lado norte da praça de Clanton de leste a oeste. O escritório de Jake ficava na Washington, do outro lado da estrada do imponente tribunal, e ele estacionava sempre no mesmo lugar às

seis da manhã, porque a essa hora havia muitos lugares por onde escolher. A praça continuaria em silêncio durante mais duas horas, até o tribunal, as lojas em redor e escritórios abrirem as portas.

Contudo, a Coffee Shop já estava cheia de colarinhos azuis, agricultores e delegados do xerife quando Jake entrou e começou a dar os bons-dias. Como sempre, era o único que usava casaco e gravata. Os colarinhos brancos reuniam-se uma hora depois do outro lado da praça, na Tea Shoppe, e discutiam taxas de juro e política mundial. Na Coffee Shop falava-se de futebol, de política local e da pesca da perca. Jake era um dos poucos profissionais liberais tolerado no interior da Coffee Shop. Havia vários motivos para isto: as pessoas gostavam dele porque era resistente e bem-disposto; e estava sempre disponível para dar um ou outro conselho jurídico de graça quando algum dos mecânicos ou motoristas de camiões tinham problemas. Pendurou o casaco na parede e encontrou um lugar ao lado de Marshall Prather, o delegado. Dois dias antes, a Ole Miss tinha perdido para a Georgia por três *touchdowns* e era aquele o tópico da conversa. Dell, uma rapariga atrevida a mascar pastilha elástica, serviu-lhe o café enquanto conseguia dar-lhe um encontrão com o enorme traseiro. Era sempre a mesma rotina, seis dias por semana. Poucos minutos depois, levava-lhe comida que ele não pedia — tostas de trigo, papas de milho e compota de morango, o habitual. Enquanto Jake estava a abanar o frasco de *Tabasco* para as papas, Prather perguntou:

— Olha lá, Jake, conheceste o Seth Hubbard?

— Nunca o conheci — disse Jake, percebendo alguns olhares furtivos. — Já ouvi o nome dele uma ou duas vezes. Tem uma casa lá para cima, perto de Palmyra, não tem?

— Tinha.

Prather comeu a salsicha enquanto Jake bebia café. Jake esperou um pouco, depois disse:

— Acho que será seguro presumir que aconteceu qualquer coisa má ao Seth Hubbard, uma vez que usaste o pretérito perfeito.

— Usei o quê? — perguntou Prather. O delegado tinha o irritante hábito de fazer aquelas perguntas em voz alta, cheia de significado, durante o pequeno-almoço, e depois remeter-se ao silêncio. Sabia os pormenores e os podres de tudo e andava sempre à pesca para ver se alguém tinha alguma coisa para acrescentar.

— O pretérito perfeito. Perguntaste «Conheceste o Seth Hubbard?» e não «conheces», o que indicaria obviamente que ele estava vivo. Correto?

— Acho que sim.

— Então, o que aconteceu?

Andy Furr, mecânico na oficina da *Chevrolet* que ficava ali perto, disse em voz alta:

— Matou-se ontem. Encontraram-no enforcado numa árvore.

— Deixou um bilhete e tudo — acrescentou Dell, enquanto passava com uma cafeteira de café. O café estava aberto há uma hora, por isso não havia dúvidas de que Dell sabia tanto da morte de Seth Hubbard como qualquer outra pessoa.

— O que dizia o bilhete? — perguntou Jake calmamente.

— Não te sei dizer, querido — cantarolou ela. — Isso fica entre mim e o Seth.

— Tu não conhecias o Seth — disse Prather.

Dell era uma velha namoradeira e tinha a língua mais afiada da cidade.

— Amei o Seth uma vez, ou se calhar foram duas. Nem sempre me lembro.

— Pois, foram tantos — disse Prather.

— Sim, e tu nunca chegaste nem perto, meu velho — respondeu ela.

— Não te lembras mesmo, pois não? — respondeu Prather, recebendo algumas gargalhadas.

— Onde estava o bilhete? — perguntou Jake, tentando virar a conversa.

Prather encheu a boca com panquecas, mastigou durante um bocado e depois respondeu:

— Em cima da mesa da cozinha. Quem o tem agora é o Ozzie. Ainda está a investigar, mas não há muito para saber. Parece que o Hubbard foi à igreja, aparentava estar ótimo, depois voltou para casa, pegou numa escada e numa corda e fez o que tinha que fazer. Um dos empregados dele encontrou-o ontem, por volta das duas da tarde, a balançar à chuva. Vestido com o seu melhor fato domingueiro.

Interessante, bizarro e trágico, mas Jake sentiu dificuldade em preocupar-se com um homem que nunca conhecera. Andy Furr perguntou:

— Ele tinha alguma coisa?

— Não sei — respondeu Prather. — Acho que o Ozzie o conhecia, mas não diz grande coisa.

Dell encheu-lhes as chávenas e parou para falar. Com uma mão na cintura, disse:

— Não, nunca o conheci. Mas a minha prima conhece a primeira mulher dele. Teve pelo menos duas, e, pelo que diz a primeira, o Seth tinha algumas terras e dinheiro. Diz que ele era discreto, que tinha alguns segredos e que não confiava em ninguém. E também que era um cabrão filho da mãe, mas elas dizem sempre isso depois dos divórcios.

— Tu lá sabes — disse Prather.

— Sei mesmo, meu velho. Sei mais do que aquilo que tu pensas.

— Há testamento ou declaração de última vontade? — perguntou Jake. O direito sucessório não era o seu favorito, mas uma propriedade considerável normalmente rendia honorários decentes para algum advogado da cidade. Era apenas uma série de papelada com uma ida ou duas ao tribunal, nada demasiado difícil ou trabalhoso. Jake sabia que às nove da manhã já todos os advogados da cidade andariam num rebuliço a tentar descobrir quem tinha redigido o testamento de Seth Hubbard.

— Ainda não se sabe — disse Prather.

— Os testamentos não são registos públicos, pois não, Jake? — perguntou Bill West, um electricista na fábrica de sapatos do norte da cidade.

— Até a pessoa morrer, não. Como podem ser alterados até ao último instante, seria inútil registá-los. Além de que uma pessoa pode não querer que o mundo inteiro saiba o que consta do testamento antes de morrer. Depois de isso acontecer e de o testamento ser autenticado, dá entrada no tribunal e torna-se público. — Jake olhou em redor e contou pelo menos três homens a quem tinha redigido os testamentos. Fazia-os curtos, rápidos e baratos e o facto era conhecido na cidade. Sempre mantinha as coisas em andamento.

— Quando começa a autenticação? — perguntou Bill West.

— Não há tempo limite. Normalmente, o cônjuge ou os filhos encontram o testamento, levam-no ao advogado e mais ou menos um mês depois do funeral dão entrada no tribunal para iniciar o processo.

— E se não houver testamento?

— É o sonho de qualquer advogado — disse Jake com uma gargalhada. — É uma confusão. Se o senhor Hubbard morreu sem deixar testamento e teve duas ex-mulheres, talvez filhos já adultos, talvez netos, quem sabe, então o mais provável é passarem os próximos cinco anos a lutar pela herança, partindo do princípio, claro, de que ele tinha bens.

— Oh, ele tinha bens, tinha — disse Dell do outro lado do café, sempre com as orelhas no ar. Bastava alguém tossir para ela fazer um inquérito sobre a saúde da pessoa. Um espirro e Dell apressava-se a oferecer um lenço. Se estivesse demasiado calado, ela fazia perguntas sobre a vida familiar e sobre o emprego. Se tentasse sussurrar, ela aproximava-se da mesa, a encher chávenas de café por muito cheias que estas estivessem. Não lhe escapava nada, lembrava-se sempre de tudo e nunca falhava em relembrar os seus rapazes de uma coisa que tinham dito ao contrário três anos antes.

Marshall Prather revirou os olhos para Jake, como quem diz «ela é maluca». Mas ficou sabiamente calado. Em vez disso, acabou as panquecas e teve de sair.

Jake não demorou muito mais. Pagou a conta às 6h40 e saiu da Coffee Shop, abraçando Dell ao sair e engasgando-se com os vapores do seu perfume barato. À medida que a alvorada se desenrolava, o céu tingia-se de tons alaranjados. A chuva do dia anterior tinha-se dissipado e o ar estava límpido e fresco. Como sempre, Jake encaminhou-se para leste, afastando-se do escritório, com um passo apressado como se estivesse atrasado para uma reunião importante. A verdade era que não tinha reuniões importantes naquele dia, apenas uma ou duas visitas de rotina a pessoas que estavam com problemas.

Deu o seu passeio matinal em volta da praça de Clanton, passando por bancos, agências de seguros e imobiliárias, lojas e cafés, todos aninhados ao lado uns dos outros, todos fechados àquela hora madrugada. Com algumas exceções, os edifícios eram de tijolo vermelho, de dois andares, com varandas de ferro forjado entrelaçado sobre os passeios que compunham um quadrado perfeito em volta do tribunal e do relvado. Clanton não estava exatamente a prosperar, mas também não estava a morrer, ao contrário do que acontecia com tantas pequenas cidades rurais do Sul. O censo de 1980 tinha contado pouco mais de oito mil habitantes, quatro vezes mais para o condado inteiro, e era esperado que a população aumentasse um pouco

na próxima contagem. Não havia montras vazias, não havia casas entaipadas com tábuas de madeira nem sinais de «Arrenda-se» tristemente pendurados nas janelas. Jake era de Karaway, uma pequena cidade de 2500 pessoas a menos de trinta quilómetros de Clanton, e a Main Street estava a decair cada vez mais, conforme os comerciantes se reformavam, os cafés fechavam e os advogados arrumavam gradualmente os seus livros e se mudavam para o centro do condado. Naquele momento, em volta da praça de Clanton, havia vinte e seis advogados e o número continuava a aumentar, numa competição que se estava a sufocar a si mesma. Jake questionava-se frequentemente quantos mais conseguiriam absorver.

Gostava de passar à porta dos outros escritórios de advogados e olhar para as suas portas fechadas e receções às escuras. Era uma espécie de vitória para ele. Na sua presunção, Jake estava pronto para enfrentar o dia enquanto os seus adversários ainda dormiam. Passou pelo escritório de Harry Rex Vonner, talvez o seu amigo mais próximo na Ordem, e um guerreiro que raramente chegava antes das nove, frequentemente com a receção cheia de clientes de divórcio nervosos. Harry Rex já tinha passado por várias mulheres e sabia como podia ser caótica a vida caseira, por isso preferia trabalhar pela noite dentro. Jake passou pela odiada firma Sullivan, sede do maior conjunto de advogados do condado. Da última vez que contou eram nove, nove completos idiotas que Jake tentava evitar, embora em parte fosse por inveja. Sullivan tinha em carteira os bancos e as companhias de seguros e os seus advogados ganhavam mais do que os outros. Passou pelo escritório agora fechado a cadeado de um velho amigo chamado Mack Stafford, que tivera problemas e que ninguém via ou de quem tinha notícias há oito meses depois de aparentemente ter fugido a meio da noite com o dinheiro dos seus clientes. A mulher e as duas filhas continuavam à espera, assim como uma acusação. Secretamente, Jake esperava que Mack estivesse algures numa praia a beber rum e que nunca mais voltasse. Era um homem infeliz, num casamento infeliz.

— Continua a fugir, Mack — dizia Jake todas as manhãs ao tocar no cadeado sem quebrar o ritmo da passada.

Passou pelos escritórios do *Ford County Times*, pela Tea Shoppe, que só agora começava a ganhar vida, por uma loja de miudezas onde comprava os fatos em saldo, pelo café de um negro chamado

Claude's onde comia todas as sextas-feiras com outros liberais brancos da cidade, por uma loja de antiguidades, propriedade de um charlatão que Jake já processara duas vezes, pelo banco onde tinha feito a segunda hipoteca da sua casa e que processara precisamente por isso e pelo edifício do escritório do condado, onde o novo procurador do Ministério Público trabalhava quando estava na cidade. O antigo, Rufus Buckley, fora-se embora, banido no ano anterior pelos eleitores e permanentemente aposentado do gabinete eleitoral, pelo menos era o que esperava Jake e tantos outros. Ele e Buckley quase se esganaram durante o julgamento de Hailey e o ódio ainda era intenso. Agora, o antigo procurador estava de regresso à sua cidade, Smithfield, no condado de Polk, onde se encontrava a lamber as feridas e a tentar ganhar a vida na Main Street apinhada de escritórios de advogados.

A volta terminou e Jake abriu a porta da frente do seu próprio escritório, que era geralmente considerado o melhor da cidade. O edifício, como tantos outros na praça, tinha sido construído pela família Wilbanks há cem anos e os Wilbanks exerceram a sua profissão naquele lugar durante quase o mesmo tempo. A corrente familiar quebrou-se quando Lucien, o último dos Wilbanks e sem dúvida o mais louco de todos, tinha sido expulso da Ordem. Contratara Jake, acabado de sair da faculdade e cheio de ideais. Lucien queria corrompê-lo, mas, antes que tivesse oportunidade, a Ordem dos Advogados tirou-lhe a licença pela última vez. Com Lucien desaparecido e sem mais Wilbanks, Jake herdou um magnífico edifício de escritórios. Só usava cinco das dez salas disponíveis. Havia uma grande zona de receção no piso de baixo, onde a atual secretária fazia o seu trabalho e recebia os clientes. No piso de cima, numa sala de nove por nove metros, Jake passava os dias sentado a uma gigantesca secretária de madeira de carvalho que tinha sido usada por Lucien, pelo seu pai e pelo seu avô. Quando se sentia entediado, o que ocorria com frequência, Jake abria as portas duplas e ia para a varanda, de onde tinha uma bonita vista do tribunal e da praça.

Às sete da manhã em ponto, sentou-se à secretária e bebeu um gole de café. Pegou no calendário para aquele dia e admitiu perante si mesmo que não parecia muito promissor ou lucrativo.